

Ensino e investigação em Arqueologia na Universidade de Évora

elementos para a sua história (1978 - 2025)

Jorge de Oliveira^{a, @}

^aCatedrático Emérito da Universidade de Évora
[@]Contacto: joli@uevora.pt

Resumo

Neste artigo conta-se a história da criação do ensino e investigação em Arqueologia na Universidade de Évora e o papel dos seus principais atores.

Palavras-chave

Universidade de Évora, Arqueologia

Abstract

This article tells the story of the creation of teaching and research in Archaeology at the University of Évora and the role of its main actors.

Keywords

University of Évora, Archaeology

1. Criação e docência

Haverá que reconhecer que desde a refundação da Universidade de Évora que as preocupações com o estudo dos testemunhos arqueológicos da região estiveram sempre presentes. Logo na tomada de posse da Comissão Instaladora, em 1974, o documento programático regista que a Universidade de Évora deverá “encontrar as acções pedagógicas para sectores ainda não desenvolvidos em Portugal (...) como as Ciências do Homem nomeadamente História e Antropologia com o duplo objectivo de garantir amplas oportunidades na cultura e de realizar o estudo sistemático do imenso material deixado pelos povos que habitaram a região do Sul do Tejo” (Informação Interna nº79)

Convém recordar que na Comissão Instaladora de 1974 identificam-se nomes muito atentos ao património, como o próprio Reitor, Prof. Ário Lobo de Azevedo, os Profs. Carlos Portas, Rosado Fernandes, Gomes Guerreiro, ou o Eng. Celestino David. Assim, logo desde a criação da Licenciatura em Ciências Sociais, em 1978, que os assuntos arqueológicos começam a ser matéria de reflexão a que não terá sido estranha a relação próxima do Dr. José Pires Gonçalves, médico de Reguengos de Monsaraz e recém descobridor dos menhires alentejanos e do Dr. Ventura, profundo amador do património arqueológico com alguns dos membros da Comissão Instaladora. Por essa altura voltava novamente a falar-se na implementação da projetada Barragem do Alqueva e estava bem presente na cultura portuguesa o nefasto impacte que a recém-construída Barragem do Fratel tinha perpetrado na arte rupestre do Vale do Tejo por falta de estudos prévios. A Comissão Instaladora sensível a esta temática e o conhecimento profundo de alguns dos seus membros das margens do Guadiana anteviam que se não se tomassem, em tempo útil, medidas cautelares, algo semelhante ao que ocorreu à arte rupestre do vale do Tejo poderia ocorrer, em muito maior escala, às portas da recém restaurada Universidade de Évora.

Figura 1. Primeiro folheto informativo da Universidade de Évora

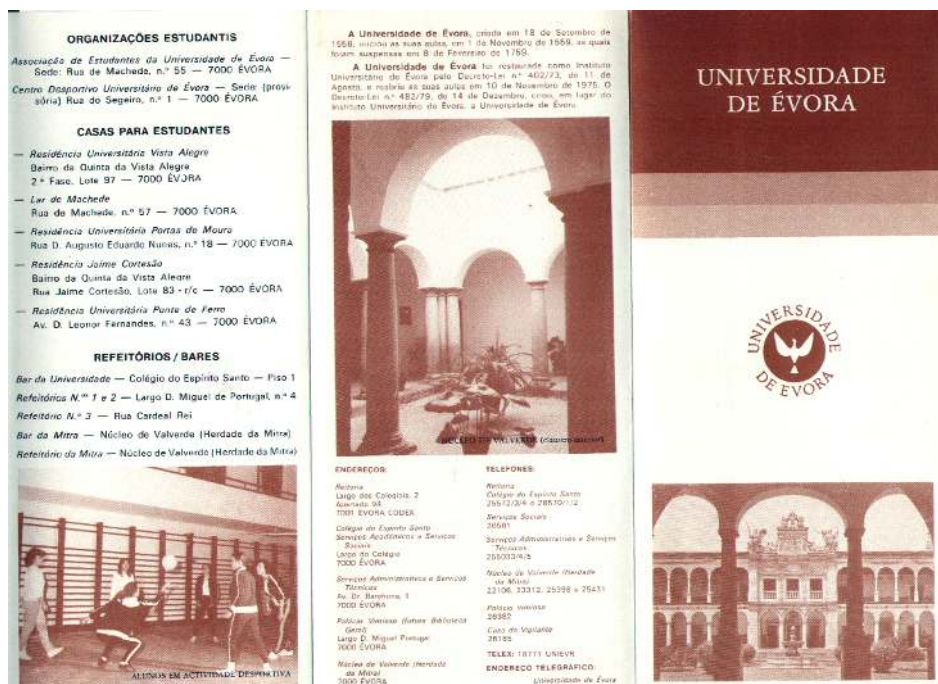
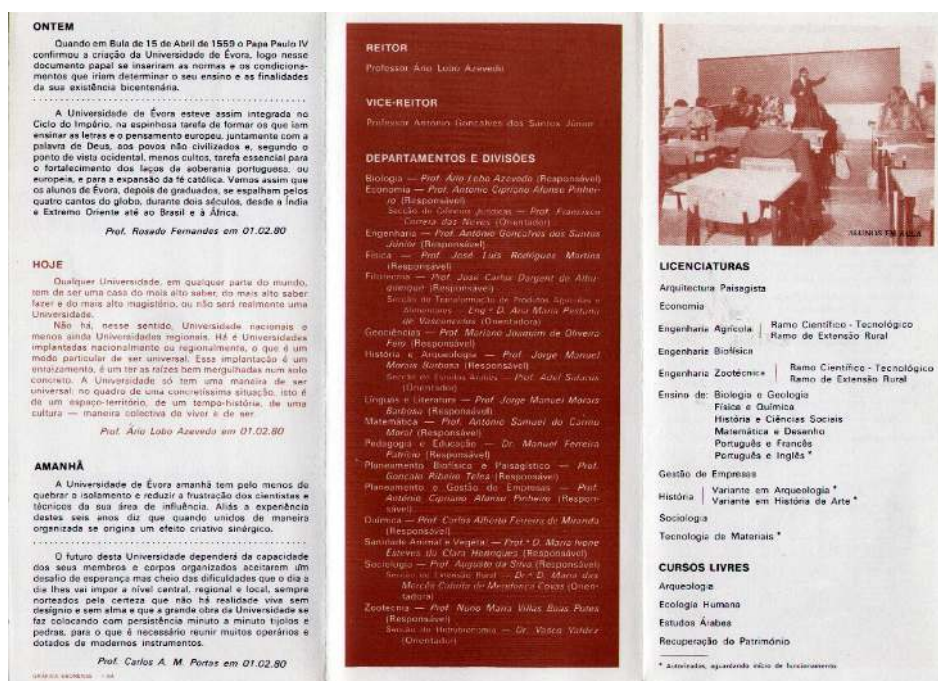


Figura 2. Primeiro folheto informativo da Universidade de Évora



Em 1978 começava-se a constituir o corpo docente que iria lecionar a formação em História e Ciências Sociais, a iniciar no ano seguinte. Quis o destino, que nessa altura, o Professor Nuno Mendoga, a pedido da Reitoria, fosse incumbido de começar a organizar a docência e investigação em Arqueologia e se tenha

deslocado à Casa Varela, em Lisboa, para adquirir estiradores que iriam equipar as salas onde seriam lecionadas as aulas da futuro Curso de Arquitetura Paisagista. Casualmente, nesse dia, atrás do balcão estava o Arquiteto e Arqueólogo Mário Varela Gomes, proprietário do estabelecimento e que estava, ativamente, empenhado no estudo, *in extremis*, da arte rupestre do Vale do Tejo. No decurso da apresentação dos diferentes tipos de estiradores e da sua aplicabilidade, Nuno Mendonça percebe qual a formação do seu interlocutor e pergunta-lhe se não estaria interessado em colaborar com a Universidade de Évora no ensino de Pré-História e investigação arqueológica nesta região do Alentejo. Com atelier de arquitetura acabado de instalar em Lisboa e tendo já a seu cargo responsabilidades na administração da Casa Varela, Mário Varela Gomes declina o convite e sugere o nome do seu colega e amigo Jorge Pinho Monteiro, arqueólogo, com Licenciatura em História e igualmente ativo investigador da arte rupestre do Vale do Tejo. Assim, nos finais de 1978, perante o seu já vasto curriculum, Jorge Pinho Monteiro é contratado como Assistente Convidado do Departamento de História, para lecionar as cadeiras de Pré-História, Pré-Clássicas, criar o Curso Superior Livre de Arqueologia, e promover ações preventivas do património arqueológico da região. Estavam, assim, lançados os alicerces da formação e investigação em Arqueologia na Universidade de Évora. No ano seguinte é contratado, igualmente como Assistente Convidado, o arqueólogo, especialista em cultura clássica, José Olívio Caeiro, que iria encarregar-se da docência e investigação do Período Clássico. Pela mesma altura, para completar esta fileira formativa mais antiga é convidada para colaborar na futura docência de História e Arqueologia Islâmica, a arqueóloga espanhola Paloma Amorós.

Figura 3. Jorge Pinho Monteiro (1978)



Em 1979, alicerçado na anterior formação em Ciências Sociais, do já extinto Instituto Universitário de Évora, inicia-se a licenciatura do Curso de História e Ciências Sociais, com as “especialidades” de História, Ciências Sociais e Pedagogia. Neste *cluster* formativo, ainda que especialmente dirigido para a formação de professores de História, a componente dos estudos arqueológicos está bem presente, quer pela formação do seu corpo docente, quer pela leção, em simultâneo do Curso Superior Livre de Arqueologia, aberto à comunidade local, mas frequentado, igualmente, por vários dos alunos das licenciaturas, especialmente da de História. Nessa altura reforça-se o corpo docente na área dos Estudos Islâmicos com a contratação do Prof. Adel Sidarus, abrangendo-se, com estes docentes, a fileira formativa em história mais antiga.

Instituiu-se, desta forma, desde finais de 1978, a formação, mas sobretudo a investigação em Arqueologia, na Universidade de Évora. As preocupações com a submersão da arte rupestre do Vale do Tejo, levam a que os docentes da Universidade de Évora chamem a si a responsabilidade de começar a equipar-se para os primeiros estudos de impacto da futura Barragem do Alqueva. Um substancial investimento é feito com a aquisição de equipamento náutico, fotográfico e com a requisição de viaturas todo-o-terreno apreendidas pelas autoridades policiais, equipamento que ainda foi utilizado nos últimos estudos promovidos nas margens da albufeira da Barragem do Fratel.

Concomitantemente à estruturação da Arqueologia na Universidade de Évora é instalado, em 1980, nesta cidade, o Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul, uma extensão do IPPC, Instituto Português do Património Cultural. Entendeu a Reitoria da Universidade de Évora ceder a ala direita do recém-adquirido Palácio dos Condes do Vimioso para a instalação deste Serviço. Dirigia o SRAZS o Doutor Caetano Mello Beirão, secundado pelo Dr. Carlos de Penalva, ambos arqueólogos. Com uma equipa tão reduzida para supervisionar patrimonialmente um território de abarcava todo o Alentejo e Algarve cedo entendeu o seu diretor estabelecer um protocolo de colaboração com os arqueólogos da Universidade de Évora para, na medida do possível, apoiarem as ações atribuídas aquele Serviço. Passou, assim, o Palácio dos Condes do Vimioso a funcionar como sede do SRAZS e gabinetes dos docentes de Arqueologia da Universidade de Évora, que encontraram neste palácio quinhentista as condições físicas para acolher o seu equipamento e materiais de estudo que o já insuficiente Colégio do Espírito Santo não oferecia. A parceria estabelecida entre o SRAZS e a UÉ veio reforçar, ainda mais, as competências e valências na formação e sobretudo na investigação que esta universidade já, entretanto adquirira.

Figura 4. Caetano Beirão e Carlos Penalva (1987)



Desta parceria as colaborações dos arqueólogos da UÉ junto do SRAZS resultam em trabalhos arqueológicos, maioritariamente de salvamento, em vários locais do Alentejo e Algarve, nos quais vão participar os primeiros alunos do Curso Superior Livre de Arqueologia e mesmo da recém-criada Licenciatura em História e Ciências Sociais. De destacar destas colaborações as intervenções arqueológicas realizadas em

sítios dos concelhos de Serpa, Moura, Redondo, Castelo de Vide, Faro, Ourique, Beja, Arronches, Nisa, etc. Destas intervenções algumas vieram a transformar-se em projetos de investigação mais alongados com envolvimento de equipas multidisciplinares.

A dinâmica formativa e de investigação em Arqueologia na Universidade começava, assim, a consolidar-se sustentada no forte empenho dos docentes da especialidade e da equipa reitoral, mas, sobretudo, na assertiva dinâmica de investigação de Jorge Pinho Monteiro.

A 19 de Fevereiro de 1982, já com o 4º ano do curso de Licenciatura em História a decorrer e o 3º do Superior Livre de Arqueologia em desenvolvimento Jorge Pinho Monteiro morre de doença oncológica. Ao desaparecer o principal pilar da formação e investigação em Arqueologia, a meio do ano letivo, toda a equipa fica desestruturada. Para substituir, de imediato, na docência Pinho Monteiro entendeu a Reitoria convidar os arqueólogos do Serviço Regional de Arqueologia para colaborarem, na lecionação da licenciatura e no Curso Livre. Assim, Carlos de Penalva leciona a componente da Pré-História Antiga e Caetano de Mello Beirão encarrega-se da Pré-História recente e Idade dos Metais, enquanto José Olívio Caeiro que se fixara exclusivamente no Período Clássico assumiu, nessa altura, a lecionação das Civilizações Pré-Clássicas, até essa data da responsabilidade de Pinho Monteiro. Na sequência da morte do jovem assistente a colaboração da investigadora Paloma Amorós, que se interessava sobretudo pelo período medieval, termina e toda a estrutura de formação e investigação em Arqueologia ressurte-se profundamente com o desaparecimento do fundador da Arqueologia na Universidade de Évora.

Terminara, entretanto, o período de instalação da Universidade de Évora em que os processos de contratação de docentes decorriam, por norma, por convite e para ocupar o lugar deixado vago por morte de Jorge Pinho Monteiro abriu a Universidade de Évora, em 1983, um concurso público, para Assistente Estagiário, para a lecionação das disciplinas de Pré-História, Pré-Clássicas e Arqueologia. Dezasseis candidatos foram oponentes a esse concurso tendo ganho esse lugar o subscritor destas memórias. Embora o concurso tenha decorrido em junho de 1983, estranhamente, só vim a tomar posse do lugar em novembro de 1984. Com a minha entrada na Universidade de Évora, na categoria de Assistente Estagiário, terminam as colaborações dos arqueólogos do Serviço de Arqueologia e o Assistente Convidado José Olívio Caeiro recentra a sua docência na área das Clássicas assegurando, igualmente, a formação na disciplina optativa de Arqueologia Medieval Islâmica, substituindo Paloma Amorós.

Figura 5. Carmen Balesteros e José Caeiro (1995)



Recomposta a equipa docente termina o último ano da formação do Curso Superior Livre em Arqueologia

e redesenham-se os programas das disciplinas porque, entretanto, potencia-se a formação em Ensino de História havendo necessidade de, para esse fim, serem adaptados os diferentes programas da licenciatura em História e Ciências Sociais, até aí em vigor.

Em 1985, entende o Departamento de História reforçar a formação em Arqueologia abrindo outro concurso público para Assistente Estagiário. Nesse concurso é admitido Manuel de Castro Nunes que permanece nesta universidade apenas 4 anos. Durante a sua passagem na UÉ constitui-se uma equipa que envolve todos os docentes e alguns alunos para, em colaboração com o Município de Évora, se dar início às prospeções de campo conducentes à realização da Carta Arqueológica do Concelho de Évora. Com a dispensa do assistente Castro Nunes e os outros docentes ocupados na docência e nas respetivas e obrigatórias provas académicas, o investimento na investigação de campo direciona-se para a margem esquerda do Guadiana, tema de tese de doutoramento de José Olívio Caeiro, onde desenvolve diversas prospeções e escavações em sítios romanos e medievais nos concelhos de Moura, Serpa e Mourão, enquanto eu me empenho na investigação do Megalitismo do nordeste alentejano e Extremadura espanhola.

Em abril de 1995 é defendida a primeira tese de Doutoramento em Arqueologia na Universidade de Évora, passando o signatário destas memórias a ser o primeiro Doutor nesta especialidade nesta universidade, que já em 1988, tinha nesta mesma instituição sido o primeiro a prestar Provas Públicas de Habilitação Pedagógica e Capacidade Científica em Pré-história e Arqueologia.

Porque a legislação até 1999 o permitia, os licenciados em História da Universidade de Évora que tivessem aproveitamento nas diferentes disciplinas obrigatórias e optativas em Arqueologia e tivessem participado em, pelo menos, três campanhas arqueológicas de campo e acompanhados de um parecer vinculativo de um dos arqueólogos da Universidade de Évora, eram reconhecidos como arqueólogos. Assim, a entidade da tutela permitia aos licenciados em História, à semelhança do que ocorria com os de outras universidades, dirigir trabalhos de arqueologia, enquanto profissionais. Desta forma, até 1999, os licenciados em História, com prática de campo em Arqueologia, obtinham a carteira profissional de Arqueólogos. Estava, portanto, institucionalizada a formação em Arqueologia nesta Universidade, o que obrigava que o corpo docente organizasse, sobretudo nos denominados tempos de férias, campos de trabalho, com prospeções e escavações em todos os períodos históricos por forma a garantir a componente de prática arqueológica obrigatória. Todo o corpo docente acolheu, com esforço acrescido, esta responsabilidade formativa extra-horário para que fosse reconhecida a Universidade de Évora como formadora de arqueólogos. Esta prática arqueológica garantida pela Universidade de Évora granjeou-nos grande reconhecimento público, sobretudo, junto das outras universidades, que levou a que a Universidade de Évora promovesse a criação da CIUARQ - Comissão Inter-Universitária de Arqueologia, através do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, muito devido ao empenho do Reitor da Universidade de Évora, Prof. Jorge Araújo, e dois anos depois, em 1999, organizasse o 1º Encontro de Arqueologia das Universidades Portuguesas. Neste encontro, que decorreu ao longo de três dias na Universidade de Évora estiveram presentes todos os professores de arqueologia das universidades portuguesas que aqui apresentaram os seus projetos de investigação individuais ou coletivos. Este encontro permitiu, igualmente, que se estruturassem e articulassem as diferentes formações em cada uma das instituições universitárias.

Com a alteração legislativa de 1999 (Regulamento de Trabalhos Arqueológicos, aprovado pelo Decreto-Lei nº 270/99, de 15 de julho), que obrigava a uma formação especializada em Arqueologia para a obtenção da carteira profissional de Arqueólogo, cria-se no Departamento de História, a Variante em Arqueologia, com o número mínimo de créditos para responder à nova legislação. Esta reforma obrigou a um substancial aumento da carga horária letiva de todos os docentes de Arqueologia, muito para além do estipulado no ECDU, porque os cortes orçamentais não permitiam a contratação de mais professores. À data o corpo docente era constituído por um único doutorado, o subscritor destas memórias, pelo saudoso Mestre José Carlos Caetano, que tinha substituído o também já falecido Licenciado José Caeiro, na área das Civilizações Clássicas, pela também já falecida Mestre Carmen Balesteros, Assistente Convidada, que assumia a docência das Civilizações Pré-Clássicas e Arqueologia Judaica, pelo Mestre Fernando Branco Correia, Assistente de Carreira, que lecionava Arqueologia Medieval e Islâmica e pela Mestre Clara Oliveira, como Assistente

Convidada, que garantia a docência de Arte Pré e Proto-Histórica e Práticas de Campo, em Pré-História.

Figura 6. José Carlos Caetano (2006)



Com o fim das requisições dentro das instituições do Estado, em 2004, a Mestre Carmen Balesteros regressa ao Ensino Secundário, perdendo-se todo o investimento na Hebraísta e na Arqueologia Judaica que já notabilizava a Universidade de Évora. O vínculo desta investigadora mantém-se por mais algum tempo com o centro de investigação a que estava ligada, mas a sua doença e a posterior morte provocam o fim desta promissora linha de investigação na Universidade de Évora.

Com as alterações decorrentes do Processo de Bolonha (2006), que criava as licenciaturas de três anos a entidade da tutela da Arqueologia Portuguesa determina que para a obtenção da carteira profissional de arqueólogo era necessário o grau de mestre. A Área de Arqueologia da Universidade de Évora, contra ventos e tempestades, propõe, então, a criação dum mestrado. Para esse fim necessita de reforçar o seu corpo docente contratando-se como assistente convidada, em 2005, a doutoranda Leonor Rocha. Em 2008 cria-se, assim, o Mestrado em Arqueologia & Ambiente, muito direccionado para os estudos de impacte ambiental, área da maior empregabilidade do sector arqueológico. Quando já se estava a estabilizar o corpo docente e a fileira formativa, uma onda de cortes orçamentais assola os serviços público que leva ao despedimento em massa de todos os docentes sem vínculo ao Estado terminando, assim, abruptamente, a colaboração da Mestre Clara Oliveira o que provoca um rude golpe numa outra área em que nos queríamos afirmar, a arte rupestre. Pouco tempo depois, em 2007, José Carlos Caetano, o pilar da Arqueologia Clássica da Universidade de Évora morre subitamente. Com estas duas inesperadas perdas e quando já o Laboratório de Arqueologia funcionava em pleno e com uma fileira formativa de 1º e 2º ciclos e já se alinhava o 3º Ciclo, perdem-se dois docentes fundamentais. Como José Carlos Caetano era Assistente de Carreira conseguimos autorização para abrir o processo de concurso público para preenchimento desta vaga. Para suprir, de

imediatamente, a meio do semestre, a perda de José Carlos Caetano, até ao preenchimento da vaga, é convidado a lecionar, a tempo parcial, o arqueólogo do município de Évora, o Mestre Panagiotis Sarantopoulos. Pela abertura desse concurso, em finais de 2007, é admitido para a docência da especialidade de Civilizações Clássicas, Pré-Clássicas e Arqueologia Clássica, o ainda então Mestre André Carneiro. Colabora, igualmente, desde essa altura, com a Área de Arqueologia, para a leção da cadeira de Epigrafia a Professora Cláudia Teixeira, do Departamento de Línguas.

Em 2009, é reconhecido pela Agência de Acreditação (A3ES) o Doutoramento em Arqueologia da Universidade de Évora. Este 3º Ciclo de formação foi claramente estruturado em regime de tutoria para dar resposta a uma procura crescente de formação avançada de investigadores que por motivos profissionais não podem assistir regularmente a aulas presenciais. Completava-se, assim, a partir de 2009, a fileira de formação em Arqueologia na Universidade de Évora, com licenciatura, mestrado e doutoramento e, mais tarde, em 2011, passámos a colaborar noutro mestrado internacional, denominado ARCHMAT (ARCHaeological MATerials Science), que pretende fazer a ponte entre as ciências dos materiais e as ciências históricas, de colaboração com o Laboratório Hércules.

Figura 7. Vista geral do Laboratório de Arqueologia



Como esta fileira formativa não foi acompanhada pelo consequente e necessário reforço do corpo docente, nem da sua natural progressão na carreira, exigindo dos poucos professores de arqueologia um extraordinário esforço e dedicação, a A3ES, em 2016, exige que a Universidade de Évora reforce, urgentemente, o seu corpo docente e autorize a sua natural progressão na carreira. Devido ao constante estrangulamento financeiro, a Reitoria responde às exigências da Agência de Acreditação com o estabelecimento de um protocolo de colaboração com a Direção Regional de Cultura do Alentejo que cedem, de forma não remunerada, temporariamente e a tempo parcial, para a docência de disciplinas de Arqueologia, três dos seus técnicos superiores, os arqueólogos, Doutor Nelson A. Almeida e os Drs. António Carlos Silva e Rafael Alfenim. Para o mesmo fim, igual protocolo é estabelecido com o Campo Arqueológico de Mértola, contando-se, para assumirem a leção, a tempo parcial, das disciplinas de Arqueologia Medieval e Islâmica os Doutores Susana Gomez e Vergílio Lopes. Esta preciosa colaboração termina em 2018 com a abertura de concursos internacionais para lugares de professores auxiliares em Arqueologia Islâmica e Paleolítico, que vieram a ser preenchidos, respetivamente, pelos Doutores Susana Gomez (2018) e João Marreiros (2020), reforçando-se, desta forma, o corpo docente. Em setembro de 2022, o Doutor João Marreiros, aceita um convite para

liderar o grupo de investigação TraCEr, no MONREPOS, Centro de Pesquisa Arqueológica e Museu da Evolução do Comportamento Humano (Leiza, Alemanha) e rescinde o contrato com a Universidade de Évora, obrigando-nos a recorrer, novamente, ao protocolo com a Direção Regional de Cultura. Volta, novamente, a assumir temporariamente a docência, a tempo parcial, o Doutor Nelson A. Almeida, até que o processo de abertura de concurso internacional para preenchimento da vaga de Professor Auxiliar deixada vaga pela rescisão do Doutor João Marreiros fique concluído. Ganha este concurso, em novembro de 2023, o Doutor Nelson J. Almeida preenchendo-se a vaga de Professor auxiliar na especialidade de Pré-história antiga.

Figura 8. Entrada do Laboratório de Arqueologia



Figura 9. *In Memoriam* no Laboratório de Arqueologia



Em novembro de 2023, na categoria de Professor Catedrático, o subscritor destas linhas aposenta-se, mantendo, contudo, a sua ligação à Universidade de Évora, agora na categoria de Professor Emérito, onde colabora na docência de algumas disciplinas de arqueologia e na orientação de teses de doutoramento e mestrado.

Nesta data, a Área de Arqueologia da Universidade de Évora é composta pelos Professores Associados com Agregação Leonor Rocha e André Carneiro e pelos Professores Auxiliares Suzana Gomes e Nelson J. Almeida, contando ainda com os docentes / investigadores / colaboradores convidados Doutores Gertrudes Branco, Marco Liberato e Ana Cristina Martins e pelos Mestres Ivo Santos, Ana Catarina Basílio, Inês Ribeiro e António Diniz.

2. Laboratório de Arqueologia Pinho Monteiro

Porque a formação em Arqueologia exige uma forte componente laboratorial e de campo, cria-se em 1996, com grande apoio da Reitoria, tutelada, à data, pelo Prof. Jorge Araújo, o Laboratório de Arqueologia, denominado Pinho Monteiro, em memória do primeiro arqueólogo da Universidade de Évora, com sede no piso inferior da ala direita do Palácio dos Condes do Vimioso. O embrião deste laboratório constitui-se com um espaço de depósito e tratamento preventivo de materiais arqueológicos em trânsito, uma sala de desenho e fotografia, dois gabinetes para investigadores e espaço de guarda de equipamento de escavação. Rapidamente este laboratório embrionário revela-se insuficiente para acolher dignamente as múltiplas atividades que as várias equipas de arqueologia desenvolvem, mas durante uma década assim se manteve. Posteriormente, entre 2016 e 2018, com apoios comunitários o Laboratório de Arqueologia Pinho Monteiro, foi alargado aos dois pisos da ala direita do Palácio dos Condes de Vimioso. No piso inferior é criado um espaço aberto ao público onde se expõem materiais arqueológicos recuperados em intervenções arqueológicas efetuadas nesses espaços da Universidade de Évora, como a Anta 2 da Mitra ou a Capela da Senhora da Modéstia, para além de fotografias de trabalhos arqueológicos desenvolvidos por equipas de arqueologia da Universidade de Évora em diferentes locais do sul do País. Ainda no piso inferior está instalada uma sala multiusos para docência, sobretudo para as aulas práticas e simultaneamente para tratamento primário de materiais arqueológicos. Entre a sala de exposições e a sala multiusos existe um gabinete de trabalho e um espaço de guarda e exposição de equipamento topográfico antigo e material pedagógico de apoio à docência.

No piso superior, em open-space, foram criados sete gabinetes e um espaço de biblioteca e reunião, de que mais à frente trataremos.

Figura 10. Laboratório e sala de aulas



Figura 11. Sala de material pedagógico



Figura 12. Sala de exposições



Figura 13. Vista geral dos gabinetes do Laboratório de Arqueologia



Figura 14. Vista geral de um dos gabinetes do Laboratório de Arqueologia



3. O Polo de Marvão e as prestações de serviço ao exterior

Em 1994 iniciam-se os trabalhos de escavação da Cidade Romana de Ammaia, situada no concelho de Marvão, dirigidos por arqueólogos da Universidade de Évora. Também nessa altura outros projetos de investigação em Arqueologia decorriam no norte do Alentejo e na vizinha Extremadura espanhola, especialmente nas áreas da Pré-história e Arqueologia Judaica, envolvendo professores e alunos da Universidade de Évora. Pela necessidade de criar um ponto de apoio a toda esta investigação, a Universidade de Évora, com o apoio do Município de Marvão cria um polo neste concelho. Três casas são disponibilizadas por aquele município e aí são criadas pela universidade instalações para pernoita até 25 pessoas e duas salas de aula. O Polo de Marvão mantém-se ativo até à passagem da direção científica dos trabalhos na Cidade de Ammaia para a Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa.

A exigência de campos de trabalho consecutivos obrigava a uma logística a que as estruturas da universidade não conseguiam ou não queriam assumir. Para responder a esse déficit interno o corpo docente, individualmente, procurou apoios externos, estabelecendo-se protocolos, ou contratos de prestação de serviços com distintas entidades que necessitavam de apoio de arqueólogos ou equipas de arqueologia. Dessas colaborações com o exterior haverá que destacar os protocolos estabelecidos com as autarquias de Marvão, Évora, Fronteira, Sousel, Estremoz, Monforte, Moura, Serpa, Arraiolos, Mora, Castelo de Vide, Nisa, Ayuntamiento de Cedillo, Ayuntamiento de Valência de Alcântara e com outras entidades que aqui convém destacar, tais como a Fundação Cidade de Ammaia, Coudelaria de Alter, EDIA, REFER, Turismo do Alentejo, Junta da Extremadura, Fundação Paes Telles, Fundação Eugénio de Almeida, Campo Arqueológico de Mértola, etc..

No âmbito das colaborações com o exterior docentes de Arqueologia da Universidade de Évora promoveram ainda a criação do Museu Municipal de Marvão e do Museu Interativo do Megalitismo de Mora e

colaboraram na criação e gestão do Museu da Cidade Romana de Ammaia e do da Coudelaria de Alter.

4. A Biblioteca de Arqueologia Prof. Vítor Guerra

Naturalmente que a Biblioteca Central da Universidade de Évora foi adquirindo, desde a sua criação, um fundo de livros de Arqueologia. Essas aquisições sempre estiveram dependentes das verbas disponibilizadas anualmente pela reitoria a cada departamento para compra de bibliografia. Cabia, posteriormente, a cada docente propor a aquisição das obras que considerava mais necessárias, mas sempre sujeitas ao rateio por parte da direção do respetivo departamento. Procurava-se, preferencialmente, adquirir livros estrangeiros porque, felizmente, a Biblioteca Pública de Évora possui depósito legal. Contudo, face ao número reduzido de funcionários desta instituição a disponibilização ao público dos livros recém-publicados chega a demorar vários anos, estando a sua leitura constantemente desatualizada. Com a criação do Laboratório de Arqueologia Pinho Monteiro os docentes da Universidade de Évora, por seu intermédio ao a expensas suas, foram disponibilizando em duas estantes umas dezenas de obras que serviam de suporte à investigação que neste laboratório se desenvolvia. Muitas das obras que aí se reuniam resultavam das permutas que os docentes conseguiam através das suas próprias publicações. Algo camuflados, porque ilegais, reuniam-se também vários volumes fotocopiados sobretudo de manuais de grande consulta, porque por norma são muito dispendiosos. Acolhia esta biblioteca inicial os exemplares das teses e dissertações dos próprios docentes e também algumas das que por eles eram arguidas. Ainda que pequena esta biblioteca era constantemente frequentada pelo corpo discente e até por arqueólogos que trabalhavam na região. Quis o destino que, em 2005, o pai do autor destas linhas tivesse sido transportado de urgência de Santo António das Areias e internado no Serviço de Cirurgia Cardiorácica do Hospital de Santa Marta, em Lisboa, na sequência de doença arterial coronária e aí tivesse sido submetido a uma intervenção cirúrgica urgente. O cirurgião que o operou, Dr. Álvaro Laranjeira, herdara a biblioteca do reconhecido arqueólogo da Figueira da Foz, Prof. Vítor Guerra, seu avô, falecido em 1977. Enquanto me informava do estado de saúde do meu pai e sabendo que eu era arqueólogo perguntou-me que queria receber a biblioteca de arqueologia do seu avô, porque a ele, enquanto bibliófilo muito seletivo, apenas lhe interessava outras temáticas da vasta biblioteca que herdara. Disse-me que por lá tinha visto vários números do “Arqueólogo Português”, as “Antiguidades Monumentais do Algarve”, a “Etnografia Portuguesa”, muitos estudos de Santos Rocha, de Afonso do Paço, de Manuel Heleno, de Veiga Ferreira, vários números de revistas de arqueologia, etc. etc. À medida que me descrevia, de memória, algumas das obras que pertenceram ao seu avô mais os meus olhos brilhavam. Tratava-se, tão só, maioritariamente, de obras anteriores à instituição do Depósito Legal e que não estavam disponíveis neste Alentejo esquecido. E ainda se lamentava o Dr. Álvaro Laranjeira por me estar a querer oferecer, nas suas palavras, “bibliografia desatualizada”.

Naturalmente que o nome Vítor Guerra, coautor com Veiga Ferreira, do *Inventário dos Monumentos Megalíticos da Figueira da Foz*, entre outros estudos, ainda mais me abriu o apetite para receber a tal “bibliografia desatualizada”, mas também reconheci, porque muito empenhado estava na instalação do Laboratório de Arqueologia da Universidade de Évora, que esta simpática e apetitosa doação faria muito mais sentido e seria muito mais proveitosa se ficasse disponível a mais estudiosos, tanto mais que comportava obras de referência inacessíveis no interior alentejano. Sugerir, então, ao Dr. Álvaro Laranjeira que a sua doação não fosse pessoal, mas institucional e se constituísse como o embrião da biblioteca do Laboratório de Arqueologia da Universidade de Évora. De imediato o meu interlocutor interrogou-se se os livros que me estava a oferecer eram assim tão significativos que justificassem uma doação institucional, porque para ele, enquanto homem da ciência e em constante atualização, não passava dum conjunto de “bibliografia desatualizada”. Recordei-lhe a importância de alguns títulos que de memória me tinha referido e acordámos que eu, enquanto responsável pelo Laboratório de Arqueologia iria transmitir à Reitoria da Universidade

de Évora a sua intenção de doar a Biblioteca de Arqueologia de Vítor Guerra, seu avô, à Universidade de Évora. No dia seguinte fui falar com a Prof^a. Hermínia Vilar, então Vice-Reitora para os Ensinos, para se tratar do processo de doação desta biblioteca.

Figura 15. Cerimónia de doação da Biblioteca Vitor Guerra (2012). O Dr. Álvaro Laranjeira no uso da palavra.



Figura 16. Cerimónia de doação da Biblioteca Vitor Guerra (2011)



Figura 17. Biblioteca Prof. Vitor Guerra



Figura 18. Biblioteca Prof. Vitor Guerra

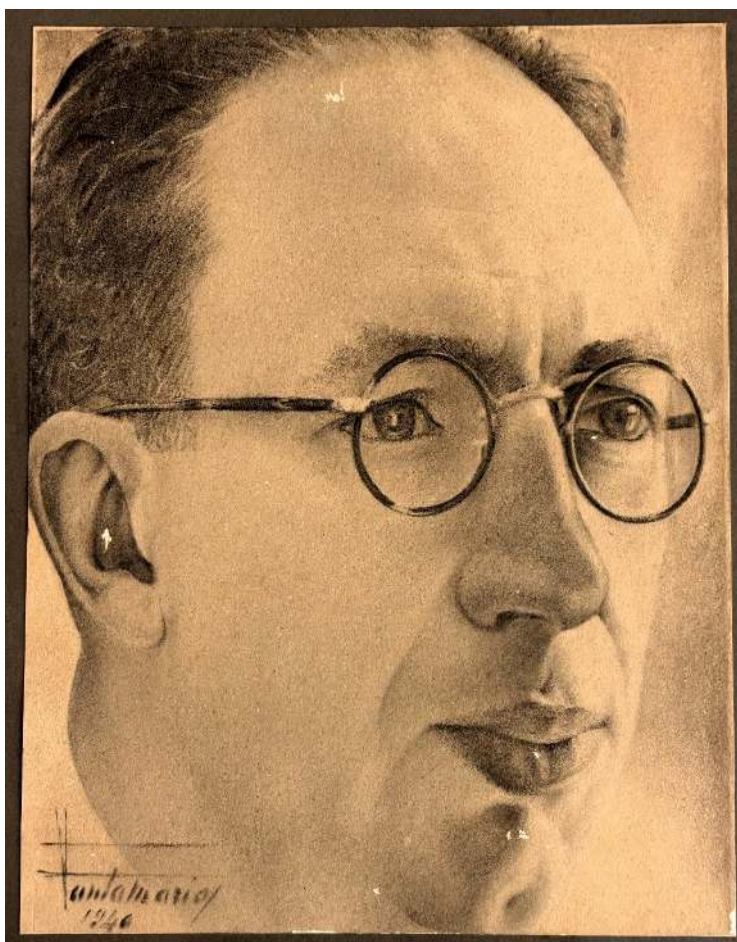


Enquanto se preparava a cerimónia para a assinatura da doação formal desta biblioteca, o Dr. Álvaro Laranjeira em deslocações periódicas a Évora trazia lotes de livros que se depositaram no, então, pequeno

espaço disponível do Laboratório de Arqueologia, para, posteriormente, serem classificados pela Biblioteca Central da universidade, mas mantendo no registo de referência de Vítor Guerra. Foi sempre nossa opção que as bibliotecas doadas, mas incorporadas, como o regulamento exige na Biblioteca Geral, tivessem sempre a referência ao seu doador por forma a que, em qualquer altura, se saiba a sua proveniência. Esta doação, após o inventário para incorporação na Biblioteca Geral ficou disponível na sala da Biblioteca do renovado Laboratório de Arqueologia da Universidade de Évora. A cerimónia de assinatura da doação da Família de Vítor Guerra teve lugar na Sala de Leitura da Biblioteca Geral da Universidade de Évora, no dia 16 de março de 2011. Assinaram o documento de doação, em representação da Família de Vítor Guerra a sua filha, Sr^a. Dr^a. Maria José Flor Guerra e pela Universidade de Évora, a Sr^a Vice-Reitora para os Ensinos, Prof^a. Hermínia Vilar. Durante o ato, para além das intervenções, do neto de Vítor Guerra e da Sra. Vice-Reitora, assistiu-se a uma conferência sobre a vida e obra do Prof. Vítor Guerra, proferida por Matilde Araújo, mestranda de Arqueologia. Durante a cerimónia ficou acordado que a Biblioteca do Laboratório de Arqueologia da Universidade de Évora se passasse a denominar Biblioteca Vítor Guerra.

Mas quem foi Vítor Guerra?

Figura 19. Prof. Vítor Guerra (1940)



De seu nome completo António Vítor Nunes Guerra, nasceu a 20 de novembro de 1902, na Figueira da Foz e faleceu na mesma cidade no dia 15 de agosto de 1977. Completada a Escola Primária ingressou no Seminário de Coimbra, não tendo chegado a ordenar-se. Regressa à Figueira da Foz e de colaboração com outros colegas funda o Colégio Academia Figueirense no qual assumiu a docência das disciplinas de

Português, Latim, Geografia e até Ciências Naturais. Posteriormente leciona também na Escola Preparatória Dr. João de Barros, mas a sua maior atividade cultural exerce-a no Museu Santos Rocha que dirigiu desde agosto de 1938, até 1972, ano em que se aposentou. Paralelamente, dirigia a Biblioteca Municipal da Figueira da Foz. Para além de ter desempenhado vários cargos públicos ainda dirigiu temporariamente o jornal “A Voz da Figueira”, mas a sua paixão pela História e especialmente pela Arqueologia leva-o a estabelecer contacto com a maioria dos arqueólogos do seu tempo, prosseguindo as pegadas de Santos Rocha. Vítor Guerra na qualidade de diretor do Museu Santos Rocha, para além de estudar as coleções de arqueologia que se encontravam sob a sua responsabilidade promove a publicação de trabalhos inéditos do fundador do museu e dá continuidade a algumas das suas investigações arqueológicas na zona da Figueira da Foz. Vítor Guerra corresponde-se e contacta com arqueólogos de renome do seu tempo, especialmente com D. Fernando Almeida, Manuel Heleno, Georg e Vera Leisner, Afonso do Paço e Veiga Ferreira. De colaboração com este arqueólogo estuda e publica vários conjuntos de peças arqueológicas do Museu da Figueira e também nesta parceria os monumentos megalíticos da Figueira da Foz são objeto da sua atenção, vindo a publicar em 1974 o “Inventário dos Monumentos Megalíticos dos Arredores da Figueira da Foz”.

Constituída, assim, a biblioteca especializada no Laboratório de Arqueologia, outras importantes doações vieram, pouco tempo depois, aumentar e atualizar o fundo inicial. Haverá que destacar a doação da Arqueóloga Maria José Almeida, a que se seguiu a oferta da vasta biblioteca do Arqueólogo António Carlos Silva e mais recentemente a grande biblioteca dos Arqueólogos Maria e Manuel Maia oferecida pelos seus familiares. Acolheu também a Biblioteca Vítor Guerra a doação dum pequeno fundo que pertenceu ao cônego Daniel Rosado, oferecido pela sua sobrinha Prof^{ra}. Maria Amélia Bastos e, mais recentemente, tem vindo a acolher revistas de Arqueologia oferecidas pelo Eng. Gonçalo Cabral. Naturalmente que todas estas incorporações ficaram devidamente individualizadas na base de dados geral com a identificação do doador. Assume-se, hoje, a Biblioteca Vitor Guerra, instalada no piso superior do Laboratório de Arqueologia Pinho Monteiro, como a maior e diversificada biblioteca de Arqueologia do Alentejo, aberta à academia e ao público em geral.

Decorridos 44 anos das primeiras aulas de Arqueologia na Universidade de Évora, ministradas por Jorge Pinho Monteiro e depois de muitas vicissitudes, contrariedades e incompreensões, mas também de muita persistência e tenacidade do corpo docente e discente podemos hoje dizer que o ensino e a investigação em Arqueologia na Universidade de Évora estão consolidados. Ainda que com algumas flutuações conjunturais temos assistido a uma cada vez maior procura de alunos nos três ciclos formativos, à consolidação dos projetos de investigação de longo prazo, suportados globalmente por apoios de autarquias, porque, nos últimos anos as prestações de serviços ao exterior, infelizmente, praticamente desapareceram face a uma estranha interpretação do articulado do ECDU no que se refere à exclusividade do corpo docente.

Novembro de 2025
Jorge de Oliveira